



POR QUE É QUE A PRIMEIRA GRAMÁTICA UNIVERSAL FOI CRIADA PRECISAMENTE EM PORTUGAL? O PAPEL DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Marina KOSSÁRIK (Marina FELDMAN)¹
(Universidade Estatal de Moscou, Rússia
Faculdade de Filologia, Departamento de Línguas Romanas)

RESUMO: O artigo analisa as razões históricas, socioculturais e científicas que explicam por que a primeira gramática universal foi elaborada em Portugal, e não noutras áreas da România. Partindo do estudo do *Methodo Grammatical para Todas as Línguas* (1619), de Amaro de Roboredo, mostra-se como a situação particular de Portugal na época dos Descobrimentos – marcada pela expansão marítima, pela criação do comércio mundial e pelo contacto intenso com uma multiplicidade tipológica inédita de línguas da América, África e Ásia – favoreceu a formulação de uma concepção universalista da linguagem. O texto descreve o estado da linguística portuguesa renascentista, a diversidade de géneros e de línguas descritas, bem como a aplicação do cânone gramatical antigo a novos sistemas linguísticos, o que levou à emergência de ques

¹Marina Afanasyevna Kossarik (que também utiliza o nome Marina Feldman) é formada em Filologia pela Universidade Estatal de Moscou (1969), onde iniciou os estudos de língua portuguesa em 1965. Obteve os títulos de Candidata a Ciências (1991) e Doutora em Ciências Filológicas (1998) pela mesma instituição. Atuou durante décadas como professora e exerceu a função de chefe do Departamento de Linguística Românica da Faculdade de Filologia da Universidade Estatal Lomonosov de Moscou até abril de 2022. É reconhecida como uma das principais estudiosas da obra de Amaro de Roboredo, em particular do tratado *Methodo Grammatical para Todas as Línguas* (1619), sobre o qual desenvolveu investigações de referência na área da história do ensino de línguas e da gramaticografia em contexto românico. A autora possui uma vasta produção bibliográfica no campo da Historiografia Linguística e da Filologia Românica, com mais de 60 obras publicadas, entre monografias e artigos. Sua pesquisa dedica-se, em especial, à história da tradição linguística portuguesa, com destaque para o estudo do já referido *Methodo Grammatical para Todas as Línguas*, de Amaro de Roboredo, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Portugal, 2002, em edição facsimile do da ed. de Lisboa: Pedro Craesbeek, 1619 e *Questões sociolinguísticas nos primeiros escritos portugueses sobre a língua: No âmbito do projeto “Doutrina linguística de Portugal nos séculos XVI-XVII: Teoria e prática da descrição da língua”*, 2^a ed., corrigida e complementada, 2019. 232p; obra publicada originalmente em russo, ainda encontra-se inédita em português. Exerceu o cargo de professora no Departamento de Línguas Romanas até abril de 2022, quando se aposentou oficialmente de suas funções docentes e académicas. E-mail: <marina.feldman1946@gmail.com >.

tões tipológicas, comunicativas e didáticas. Em contraste com a tradição espanhola, mais centrada na afirmação sociopolítica e na supremacia do castelhano (como em Aldrete), a tradição portuguesa orienta-se para a compreensão e a comunicação intercultural, o que torna coerente o surgimento, em Portugal, de uma gramática universal e de uma metodologia geral para o ensino de “qualquer língua”. Conclui-se que o *Methodo* de Roboredo representa um momento-chave na constituição da linguística como ciência madura e antecipa, em vários aspectos, o paradigma associado à Gramática de Port-Royal.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia linguística. Amaro de Roboredo. Gramática universal. Renascimento português. Descobrimientos. Tradição românica. Contexto sociocultural. Sociolinguística histórica.

WHY WAS THE FIRST UNIVERSAL GRAMMAR CREATED PRECISELY IN PORTUGAL? THE ROLE OF THE SOCIOCULTURAL CONTEXT IN THE ORIGIN AND DEVELOPMENT OF LINGUISTIC IDEAS

ABSTRACT: This article analyzes the historical, sociocultural, and scientific reasons that explain why the first universal grammar was developed in Portugal rather than in other regions of Romania. Based on the study of *Methodo Grammatical para Todas as Línguas* (1619) by Amaro de Roboredo, it demonstrates how Portugal's unique position during the Age of Discovery – characterized by maritime expansion, the establishment of global trade, and intense contact with an unprecedented typological variety of languages from the Americas, Africa, and Asia – fostered the formulation of a universalist conception of language. The text describes the state of Renaissance Portuguese linguistics, the diversity of genres and languages documented, and the application of the ancient grammatical canon to new linguistic systems, which led to the emergence of typological, communicative, and pedagogical inquiries. In contrast to the Spanish tradition, which was more focused on sociopolitical assertion and the supremacy of Castilian (as seen in Aldrete), the Portuguese tradition was oriented toward intercultural understanding and communication. This context provided the foundation for the emergence of a universal grammar and a general methodology for teaching “any language” in Portugal. It concludes that Roboredo's *Methodo* represents a key moment in the constitution of linguistics as a mature science and anticipates, in several aspects, the paradigm later associated with the Port-Royal Grammar.



KEYWORDS: Linguistic Historiography; Amaro de Roboredo; Universal Grammar; Portuguese Renaissance; Age of Discovery; Romance tradition; Sociocultural context; Historical Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

As últimas décadas trouxeram mudanças profundas no estado de um campo de investigação como a história das ideias linguísticas. Surgiu, na prática, uma nova disciplina científica independente, a historiografia linguística: um campo de estudo que permite observar os processos de formação, os caminhos de surgimento, consolidação, sistematização e desenvolvimento dos conceitos e métodos mais importantes. Este facto é de inegável importância para o desenvolvimento da ciência moderna, especialmente quando se trata do estudo de um objeto tão dinâmico e em constante mudança como a linguagem, cujo campo de investigação está em contínua expansão. O que foi dito aplica-se de forma particular à história do pensamento linguístico português, que se desenvolveu enormemente graças à atividade de um conjunto de investigadores de língua portuguesa, assim como os seus colegas estrangeiros.

ESTADO E CONTEÚDO DA LINGUÍSTICA DA ÉPOCA

Tentando apresentar da forma mais completa possível a caracterização geral da fase inicial da historiografia portuguesa, é impossível detalhar num pequeno artigo uma análise profunda de todas estas conquistas, pelo que me limitarei apenas a apresentar uma lista de obras (infelizmente incompleta) de autores portugueses, apresentando de forma geral o leque de problemas abordados.

Agora já não é necessário provar que o *Methodo Grammatical para Todas as Linguas* de Amaro de Roboredo é a primeira gramática universal (cujo autor, aliás, desenvolveu princípios universais de ensino de línguas) abriu uma nova etapa

moderna no desenvolvimento da linguística. Mas, até muito recentemente, a ideia da existência de uma gramática universal anterior à gramática de Port-Royal, parecia impossível. Ainda me lembro, como no terceiro dia do meu estágio em Portugal como bolsista do Instituto Camões, lendo na biblioteca da Universidade de Lisboa uma Bibliografia de gramáticas publicadas em Portugal, em um momento apanhei-me a perceber que, poucas páginas atrás, tinha visto e passado pelo título da obra, algo completamente incrível (pelo menos assim me pareceu na altura) para a data de publicação – o ano 1619. Voltando atrás, confirmei que não estava a sonhar. Ao encomendar o livro na Biblioteca Nacional, só consegui obter a obra três dias depois – o livro foi procurado no depósito, pois já ninguém o tinha aberto havia muito tempo, e, além do mais, na Bibliografia constava-lhe um código de biblioteca desatualizado. Foi assim que tomei conhecimento da existência desse trabalho pela primeira vez (embora, mais tarde, tenha visto menções e uma avaliação não muito alta da obra de Roboredo em dois pequenos artigos, com base num exemplar que se encontrava em Inglaterra). E ainda num congresso em Roma, após alguns anos de reedição e estudo dos trabalhos de Roboredo por historiadores portugueses e estrangeiros, tive de ouvir a extraordinária surpresa, quase de incredulidade, por parte do autor de uma comunicação – um conhecido historiógrafo francês – apenas pelo facto de o *Methodo* ter efetivamente antecedido a Gramática de Port-Royal.

Atualmente, o valor da obra de Roboredo para a história da ciência da língua é amplamente reconhecido, existindo uma quantidade considerável de literatura dedicada a ela (parte dessas publicações também pertence ao autor deste artigo), pelo que não voltarei a descrever esta obra fundamental para a história do pensamento linguístico, mas tentarei refletir sobre por que razão a primeira gramática universal foi criada precisamente em Portugal, e por que aqui foram desenvolvidos

o método de descrição e a metodologia de ensino de todas as línguas, ou seja, de qualquer língua.

A obra pré-Port-Royal de Roboredo é interessante não apenas por si só. De facto, dela, como de qualquer trabalho relevante para a história do pensamento científico, partem linhas diretas que conduzem à linguística contemporânea e é certamente importante considerar o *Methodo* no contexto geral da sua época. Isto ajuda a compreender mais claramente as razões do seu surgimento, o seu lugar, o seu papel na mudança de paradigma científico e na descoberta do caminho para o desenvolvimento da ciência moderna da língua.

CONTEXTO CULTURAL, CONDIÇÕES DE CRIAÇÃO DAS OBRAS DE ROBOREDO

O lugar e o tempo de criação do *Methodo* são sem dúvida determinados pelo contexto sociocultural de Portugal para o final da época dos Descobrimentos. Na ausência de possibilidade, num pequeno artigo, de analisar detalhadamente e apresentar todas as características do ambiente histórico e cultural do Portugal Renascentista e do início do século XVII, limitamo-nos apenas a algumas das mais importantes para o nosso tema características do seu contexto científico e linguístico.

O ESTADO DA LINGUÍSTICA PORTUGUESA NA ALTURA DA CRIAÇÃO DA OBRA DE ROBOREDO: TEMAS, REALIZAÇÕES

Até ao momento da publicação do *Methodo*, a linguística portuguesa já era representada pelos trabalhos de um número significativo de autores e por uma considerável lista de obras de diferentes géneros. Estas (nomeadamente gramáticas, tratados, diálogos, discursos, dicionários) abordavam temas variados e descreviam diferentes línguas (português, latim, hebraico antigo, línguas “exóticas”

(línguas da América, da Ásia, da África) e consideravam um leque muito amplo de assuntos. Em particular, o autor deste artigo analisou a problemática apresentada nas obras dos linguistas portugueses da época anterior ou próxima à criação do *Methodo Gramatical para Todas as Línguas*. (A problemática da fase inicial da lexicografia portuguesa não é tratada neste artigo, pois o autor, infelizmente, não a estudou de forma suficientemente sistemática).

- Por um lado, a necessidade de descrever uma multiplicidade de línguas vivas tipologicamente muito diferentes segundo o modelo da língua latina, ou seja, com base no cânone gramatical antigo, não podia deixar de colocar questões sobre a sua semelhança e diferença estrutural, sobre a unidade e a universalidade da organização das línguas perante a possibilidade de diferentes meios de expressão de significados universais.

- Por outro lado, a necessidade de descrever línguas vivas como meios de comunicação em condições reais e muito diversas levava os linguistas portugueses da época a abordar a problemática da fala, questões de discurso, avançando para a temática da fala oral, para questões de gramática comunicativa, necessárias para a resolução das tarefas de descrição das línguas vivas da América, África, Índia, Japão, para as quais as questões de organização do diálogo, transmissão da expressividade, marcadores da relação com os participantes do diálogo ou com o tema da comunicação, mensagem são nada menos importantes de quanto o eram para a linguística antiga.

Na época em consideração ocorre um processo de diversificação das obras linguísticas

- por gêneros (gramáticas, tratados, diálogos, discursos);
- pela diversidade tipológica das línguas descritas (latim, português, hebraico antigo, línguas “exóticas” de vários continentes);

- pela apresentação de diferentes níveis do sistema linguístico (som, palavra, frase, unidades suprasentenciais, microtextos);
- pela descrição do estado contemporâneo da língua (materna) ou da sua história;
- pelos objetivos das obras linguísticas: para além das obras propriamente descritivas, criadas apenas para descrever o sistema linguístico, surgem também obras de carácter didático, de ensino; existem igualmente gramáticas de carácter descritivo que contêm, além do mais, secções especificamente orientadas para o ensino da comunicação (sobretudo gramáticas missionárias).

A LINGUÍSTICA PORTUGUESA E A TRADIÇÃO ROMÂNICA

A linguística portuguesa desenvolveu-se, naturalmente, não no vazio, mas no âmbito da tradição românica comum.

Apesar da universalidade das problemáticas e dos avanços da linguística da época considerada, naturalmente, existem as suas particularidades, em diferentes zonas não só da Europa como um todo, mas também da România, de suas diferentes regiões, o que está relacionado com as especificidades das suas situações sociolinguísticas (por exemplo, diferentes abordagens à questão da formação da língua literária nacional unificada, o papel dos dialetos e a relação com eles, questões do multilinguismo). Uma especificidade própria no estudo das questões linguísticas existe, naturalmente, também na Península Ibérica, ainda mais porque, no início do século XVII, forma-se na linguística iberorromânica uma situação totalmente particular – uma enorme expansão do objeto e das tarefas dos escritos linguísticos, provocada pelos Descobrimentos, que, em primeiro lugar, expande de forma extraordinária a área de disseminação das línguas românicas para novos territórios e, em segundo lugar, mas não menos importante, torna-se ainda mais

essencial e necessário, para aquela época, o estudo e a descrição de um enorme número de línguas completamente novas. Está a ocorrer uma expansão sem precedentes do objecto de estudo e da descrição linguística: procura de 1) novos princípios, métodos de estudo da língua e 2) objectivos e tarefas da sua descrição.

E, ao que parece, neste segundo aspeto são visíveis diferenças significativas nos dois domínios ibero-românicos; em todo o caso, elas encontram claro reflexo nas tradições linguísticas portuguesa e espanhola. Nos monumentos portugueses e espanhóis da época em questão, podem-se observar diferenças notáveis, relacionadas tanto com as áreas como com os objetivos das descrições. Ao contrário do Império Espanhol, que tinha como objetivo a conquista e a dominação, incluindo necessariamente a nível linguístico (como atesta de forma bastante clara, por exemplo, o tratado do espanhol Bernardo de Aldrete), Portugal, que criou o comércio mundial, dificilmente tinha, no final do século XVI e início do século XVII, a tarefa de suprimir outras línguas em todos os territórios recém-descobertos. As descrições portuguesas de línguas “exóticas” (gramáticas, dicionários) abrangem uma área muito mais ampla – para além do Brasil, África e Ásia, incluindo a Índia, Japão e outros territórios^[2] –, cujas obras sobre línguas dificilmente seriam criadas por autores portugueses com o intuito de substituir essas línguas, mas antes com o objetivo de estudá-las para assegurar contactos e comunicação intercultural (vale lembrar, por exemplo, a tradução de Aristóteles para o chinês).

²[Nota do editor: No âmbito da Linguística missionária, ver nesta mesma edição especial de *Metalinguagens*, os artigos de Leonardo Kaltner, que trata de questões relativas à fonologia do Tupinambá, e de Gonçalo Fernandes & Carlos Assunção, sobre a descrição do japonês e do vietnamita, no que se refere à relevância do Princípio da Polidez nessas línguas.]

METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LÍNGUAS – A PRIMEIRA GRAMÁTICA UNIVERSAL

Neste contexto, não parece de todo casual que o autor português A. de Roboredo tenha criado precisamente uma gramática universal, um método para estudar todas as línguas, qualquer língua, o que não implica a ideia de superioridade linguística de uma língua sobre todas as outras, mas coloca a tarefa de compreender os princípios gerais de organização de qualquer língua, da LÍNGUA em geral. (É interessante imaginar onde estariam agora todas as áreas práticas de aplicação da linguística na tecnologia moderna, se na sua altura não tivessem sido elaborados os princípios universais de estrutura de todas as línguas, de qualquer língua, sem a consciência desses princípios gerais, pela primeira vez conscientemente e de forma sistemática, apresentados na obra do autor português *Methodo Grammatical pata todas as linguas?!).* Salientemos, neste contexto, que o próprio Roboredo, autor da primeira gramática universal, apresenta, em relação a ela, com base nela, a solução de uma tarefa prática muito concreta – a criação de uma metodologia e de um «plano de estudos» para o ensino prático da língua, qualquer língua (estrangeira) que seja.

A análise do *Methodo Grammatical* de Roboredo confirma o papel fundamental da situação sociocultural e linguística na formação das ideias, na criação de obras que estabelecem um novo paradigma científico e na sua metalinguagem.

Sem a consciência da base universal de todas as línguas, muitos dos avanços modernos seriam impossíveis, incluindo a computação, a IA, entre outros.^[3] Ao longo de vários séculos, a obra considerada como tendo definido esta transição para um novo paradigma científico foi a Gramática de Port-Royal.

³[Nota do editor: Igualmente aqui, remetemos o leitor ao artigo *Tradução Automática como Tecnologia de Guerra*, de Jacqueline León, também publicado nesta edição especial de *Metalinguagens*.]

Recordemos que a contribuição da área lusófona da Ibero-Romania foi de todo nada menos importante do que a área hispanofalante, tanto nos Descobrimentos Geográficos, como nos conhecimentos técnicos e científicos a elas associados, e na acumulação de vastos conhecimentos sobre enorme material linguístico.

A consciência da universalidade das línguas, a ideia de uma língua única, a LÍNGUA em geral, e, portanto, a criação de uma gramática universal e, consequentemente, de princípios únicos e racionalmente fundamentados para o seu ensino, surge como resultado da expansão extraordinária do âmbito das línguas concretas descritas: desde a ideia bíblica da existência de uma única língua divina, até à descrição do latim (e do grego), o reconhecimento da necessidade de estudar as línguas nacionais em formação, a sua proteção e glorificação e a fixação do seu sistema gramatical (bem como do léxico, registado em dicionários). No âmbito deste processo, não só se estabelecem os fundamentos de várias disciplinas linguísticas (fonética, morfologia, sintaxe, lexicologia, história da língua, os seus conceitos mais importantes e os princípios do estudo), como também foi totalmente natural o surgimento da ideia de uma língua universal, da reflexão sobre a possibilidade de criar uma gramática geral e universal. Tudo isso determinou a enorme importância da época do Renascimento como uma etapa fundamental na formação da ciência moderna da língua.

Mas, naturalmente, este processo teve as suas particularidades em diferentes áreas socioculturais e linguísticas, e a zona iberorromânica desempenhou aqui um papel especial, graças ao círculo extraordinariamente alargado de línguas das recém-descobertas terras que eram descritas, o que levava à reflexão sobre muitas línguas “exóticas”, bastante diferentes do latim, das línguas românicas e de outros idiomas europeus, para as descrever com base no cânone gramatical antigo. Ao mesmo tempo, os autores portugueses descreviam não apenas as línguas

das Américas, mas também as da África e da Ásia. A perspectiva de uma diversidade de linguística tão enorme não podia deixar de estimular o surgimento da tipologia linguística e a formação de uma abordagem universalista da língua, o que resultou na criação da primeira gramática universal por um autor português. Este facto não parece nada casual, parece bastante lógico. A isso contribuiu a experiência acumulada na descrição de múltiplas línguas, remontando ainda à tradição geral românica de descrição de diversas línguas baseada no cânone gramatical antigo, e a aplicação dessa experiência à criação, no contexto dos Descobrimentos, de obras linguísticas dedicadas à diversidade idiomática de um leque tipológico muito amplo. Também foi importante o contexto científico e económico de Portugal na Época dos Descobrimentos, bem como os conhecimentos técnicos, geográficos e filosóficos do aristotelismo renovado do Curso Conímbricense.⁴

Tal diferença, relacionada com as especificidades da situação sociocultural, política e económica da área de língua portuguesa, não podia deixar de influenciar os objectos de interesse científico e os princípios de descrição do autor do *Methodo Gramatical para todas as línguas*.

O aparecimento do *Methodo* e de outras obras de Roboredo e o seu conteúdo foram determinados, por um lado, pelo contexto histórico e sociocultural (o florescimento cultural e científico da Renascença portuguesa, as descobertas geográficas, o papel de Portugal na criação do comércio mundial, os acontecimentos políticos em Portugal no final do século XVI e início do XVII) e, por outro lado, pelo

⁴[Nota do editor: A autora refere-se aqui ao *Curso Conimbricense* (1592-1606), produzido pelos jesuítas no Colégio das Artes de Coimbra, que, histórica e historiograficamente, representa um “aristotelismo renovado” ou uma “Segunda Escolástica”, combinando a física e metafísica de Aristóteles com a teologia tomista e novos conhecimentos científicos do Renascimento. A obra destacou-se pela sua interdisciplinaridade, integrando filosofia, teologia, medicina, astronomia, geografia e história natural, especialmente nos comentários de Manuel de Góis. Todo esse importante corpo bibliográfico tem sido republicado contemporaneamente, sob os auspícios da Imprensa da Universidade de Coimbra, no âmbito da coleção **Portugaliae Monumenta Neolatina**. Para acesso às obras, consulte-se: <https://monographs.uc.pt/iuc/catalog/series/PMN.>]

estado do pensamento linguístico da época, tanto a nível europeu como nos países da Península Ibérica.

Omitindo aqui os amplamente conhecidos acontecimentos socioculturais, históricos e políticos da época, vamos indicar as principais realizações da linguística renascentista, apresentadas em numerosas obras de diferentes géneros (gramáticas, dicionários, tratados, diálogos, etc.) de muitos autores europeus, incluindo os da Península Ibérica. Note-se que, em certos aspetos, a prioridade pertence à linguística ibérica. As mais importantes são

- Formação de experiência na aplicação do cânone gramatical antigo, desenvolvido com base na descrição de uma única língua (inicialmente grega, depois latina) a uma enorme diversidade tipológica de várias línguas, na primeira etapa europeias, bem como árabe e hebraico antigo, e depois, com base na experiência já existente, a uma diversidade tipológica ainda maior de línguas de diferentes continentes – neste caso, o primado pertence, sem dúvida, aos autores da ibero-românia;

- Conceitos e ideias linguísticas em formação:
 - norma;
 - história da língua;
 - problemática da fala, ou seja, da linguística comunicativa;
- O aparecimento da tarefa e a acumulação de experiência suficiente para a rápida aprendizagem prática e do ensino de novas línguas para fins práticos de comunicação diária.

Notemos, ao mesmo tempo, o absoluto predomínio da tradição peninsular no desenvolvimento de algumas novas direcções:

- No que diz respeito à língua materna, foi inovador o desenvolvimento de uma abordagem histórica a ela e a criação de uma descrição da história da língua materna que fosse plenamente estruturada e direccionada;

- A principal novidade consistia na necessidade de descrever, estudar e tornar prática a aprendizagem das línguas de territórios recém-descobertos, com o objetivo de comunicar realmente nessas línguas «exóticas», tipologicamente radicalmente diferentes das línguas tradicionalmente descritas por autores europeus. O resultado foi a apresentação de sistemas gramaticais e de um vocabulário de um número sem precedentes de línguas em gramáticas e dicionários;

- A tarefa de uma comunicação bem-sucedida nestas línguas leva os autores destas descrições a abordar questões de gramática comunicativa.

Tudo isso inevitavelmente tinha de conduzir à formulação da ideia

- de princípios universais de estrutura e organização de qualquer língua, de um método único para descrever todas as línguas,

- do desenvolvimento de princípios gerais de metodologia para o ensino de qualquer língua.

Foram precisamente estas tarefas que resolveu o esquecido durante muitos anos – mas indiscutivelmente importante na história do desenvolvimento da linguística como ciência madura – o grande autor português, Amaro de Roboredo.

POR QUE FOI EM PORTUGAL QUE APARECEU A PRIMEIRA GRAMÁTICA UNIVERSAL?

A significativa proximidade entre a linguística portuguesa e espanhola da época considerada também apresenta diferenças, relacionadas com as divergências na situação sociocultural.

Além da ideia de princípios universais subjacentes a todas as línguas, outro tema importante da linguística moderna é a problemática sociolinguística. Este tema é apresentado no tratado *Del origen y principio de la lengua castellana o romance que se usa en España* (1606) de outro autor peninsular, contemporâneo próximo de Roboredo, o espanhol Bernardo de Aldrete.

O tratado de Aldrete (muitas das suas disposições são contestadas pelo autor deste artigo), reconhecido pelos historiadores como a primeira obra sobre filologia românica, apresenta mais um aspeto – o funcionamento da língua na sociedade, sendo a primeira obra de sociolinguística (Coseriu, Kossárik). Assim, no início do século XVII formam-se duas concepções fundamentais.

A diferença no objecto de atenção dos autores dos dois tratados, português e espanhol, pode perfeitamente ser explicada pelas diferenças das situações socioculturais em ambas as áreas, o que ajuda a compreender por que a ideia de uma gramática universal, base única de todas as línguas, se forma precisamente na tradição linguística portuguesa.

Aldrete apresenta a tarefa de implementar o castelhano, deslocando outras línguas e variedades de fala, enquanto Roboredo parece mais refletir uma outra posição, relacionada com a tarefa de Portugal na época dos Descobrimentos: a criação do comércio mundial, os contactos com os povos não só da América, mas também o conhecimento das línguas de África, Índia e Ásia Oriental. É improvável que os portugueses tivessem como objetivo a colonização de territórios tão extensos e, conseqüentemente, a substituição das línguas autóctones; as suas descrições (como mostra a gramática de J. Rodrigues) destinam-se antes a uma avaliação correta, à compreensão da pragmática dos textos percebidos e às características da fala do orador.^[5] Também são interessantes os factos sobre a disseminação na Ásia Oriental do conhecimento da civilização europeia e da ciência (tradução de Aristóteles, familiarização com o Curso Conimbricense).

É indicativo, neste contexto, a diferença de posições, a abordagem diferente de Aldrete: a afirmação da superioridade, da necessidade de domínio, de uma língua – a sua própria língua materna, o espanhol – sobre as outras.

⁵[Nota do editor: Cf. o já referido artigo de Fernandes & Assunção, constante desta edição de *Metalinguagens*.]

Na nossa opinião, é precisamente a especificidade da situação histórica, sociocultural, sociolinguística e científica de Portugal, as particularidades do seu papel e objetivos nos Descobrimentos (Portugal não se concentra em suprimir variedades da língua românica no seu território nacional, mas propõe-se não criar um enorme império mundial, mas sim desenvolver o comércio global), que determinaram o carácter, o conteúdo e os conceitos do mais destacado linguista português da sua época, Amaro de Roboredo, que criou a primeira gramática universal e elaborou uma metodologia universal de ensino da língua, abrindo assim uma nova e moderna fase no desenvolvimento da ciência da língua. Desse modo, tanto o contexto sociocultural quanto a situação sociolinguística contribuíram e determinaram a criação da gramática universal em Portugal.

CONCLUSÃO

O período de surgimento e desenvolvimento da tradição linguística portuguesa, que antecede à gramática de Port-Royal, é um momento crucial na constituição da linguística como ciência madura, e o *Methodo Grammatical para Todas as Línguas* de A. de Roboredo ocupa um dos lugares mais honrosos neste contexto. Esta obra, como aqui buscou-se demonstrar, não foi um evento isolado, mas o resultado lógico de condições históricas, socioculturais e científicas específicas em Portugal, que, como potência marítima e centro de reflexão humanista, propiciou a interrogação sobre a unidade da LÍNGUA em geral. A gramática universal de Roboredo emerge, assim, como produto e síntese de uma vasta experiência na descrição de sistemas linguísticos diversos, pensados sob novas exigências comunicativas, pedagógicas e tipológicas.

Em contraste com a tradição espanhola, que visava a supremacia do castelhano, a abordagem portuguesa, exemplificada por Roboredo, inclinou-se para

uma orientação pragmática e intercultural. O **Methodo** transcende a mera curiosidade pré-Port-Royal, revelando-se um ponto de inflexão paradigmático ao propor um “modo” aplicável a qualquer língua. Roboredo antecipa a ideia de uma gramática geral e de uma metodologia de ensino universal, fundamentada em princípios racionais. A consciência de estruturas comuns subjacentes à diversidade formal e a necessidade de articular descrição e uso, sistema e fala, gramática e comunicação, anunciam as linhas mestras da reflexão linguística posterior, incluindo a didática de línguas e a concepção moderna de universalidade linguística.

A recuperação e revalorização do **Methodo** de Roboredo pela historiografia linguística recente não possuem apenas valor arqueológico. Ao reinscrevê-lo no panorama europeu e ibero-românico, desfaz-se a simplificação de uma linearidade que situaria a gramática universal unicamente em Port-Royal, revelando uma rede mais complexa de contribuições. O caso de Roboredo ilustra como as grandes mudanças de paradigma científico resultam do cruzamento entre um contexto socio-cultural específico e a necessidade de resolver problemas concretos. A exigência prática de aprender múltiplas línguas para comunicação efetiva, aliada a uma tradição gramatical consolidada e ao aristotelismo renovado, levou à formulação consciente da universalidade linguística em Portugal, consolidando Amaro de Roboredo como um dos fundadores, embora esquecido, da linguística como ciência por longos anos.

REFERÊNCIAS

ALDRETE, Bernardo. **Del origen y principio de la lengua castellana o romance que se usa en España**. Roma: Carlo Wllieto, 1606. Edição fac-similar: Valladolid: Maxtor, 2002.

ÁLVARES, Manuel. **Emmanuelis Alvari [...] grammatica libri tres**. Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572. 243 fols.

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do brasil**. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595. 59 fols.

BARBOSA, Agostinho. **Dictionarium lusitanicolatinum**. 2. ed. Organização e introdução de B. F. Head. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2007. (Fac-símile da edição de 1611).

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**: Dialogo em louvor da nossa linguagem. Olyssipone: Lodovicum Rotorigiũ, 1540. 60 fols.

CARDOSO, Jerônimo. **Heronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium**. Ulissipone: Ioannis Aluari, 1570. 372 fols.

CAVALEIRO, Estêvão. **Nova grammaticae Marie Matris Dei Virginis ars**. Lisboa: Valentim Fernandes, 1516.

CLENARDO, Nicolau. **Institutiones grammaticae latinae**. Bracara: Sumptibus Guilhermi a Traiecto, 1538.

ESTÊVÃO, Thomas. **Arte da lingoa Canarim**. Rachol: Collegio de S. Ignacio da Companhia de Jesu, 1640. 55 fols.

FARIA, Manuel Severim de. **Discursos varios politicos**. Evora: Manoel Carvalho, 1624. 185 fols.

FERREIRA, Álvaro de. **Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa [...]**: Breves louvores da lingua portuguesa com notáveis exemplos da muita semelhança que tem com a língua latina. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631.

FIGUEIRA, Luiz. **Arte da lingua brasilica**. Lisboa: Manuel da Silva, 1621. 91 fols.

FIGUEIRA, Luiz. **Arte de grammatica da lingua brasilica**. Lisboa: Miguel Deslandes, 1687.

FONSECA, Pedro da. **Isagoge filosófica**. Introdução e tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1965.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Regras [...] ortografia da lingua portuguesa [...] Dialogo em defensam da mesma lingua**. Lisboa: Antonio Gonçalves, 1574. 40 fols.

LANCELOT, Claude; ARNAULD, Antoine. **Grammaire generale et raisonnée de Port-Royal**. Paris: Hachette, 1846.



LEÃO, Duarte Nunes de. **Origem da lingoa portuguesa**. Lisboa: Pedro Graesbeck, 1606. 155 p.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Orthographia**. Lisboa: João Barreira, 1576. 88 fols.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da linguagem portuguesa**. Lisboa: Germam Galhardo, 1536. 40 fols.

PEREIRA, Bento. **Ars grammaticae pro lingua Lusitana addiscenda latino idiomate**. Lugduni: Laurentius Anisson, 1672. 323 p.

PEREIRA, Bento. **Thesouro da lingua portuguesa**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1647. 97 fols.

PEREIRA, Frutuoso. **Arte de grammatica latina Portugueza Benedictina**. Lisboa: Lourenço de Anueres, 1643.

RESENDE, André de. **L. Andreae Resendii de verboru(m) coniugatione commentarius**. Olissipone: Apud Lodovicũ Rhotogirium, 1540. 58 fols.

ROBOREDO, Amaro de. **Grammatica latina de Amaro de Roboredo mais breve e fácil que as publicadas até agora [...]**. Lisboa: Antonio Alvarez, 1625. 176 p.

ROBOREDO, Amaro de. **Methodo grammatical para todas as linguas**. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1619. 248 p.

ROBOREDO, Amaro de. **Methodo Grammatical para todas as Linguas**. Edição de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. (Coleção Filologia Portuguesa).

ROBOREDO, Amaro de. **Porta de linguas ou metodo muito accommodado para as entender [...]**. Lisboa: Antonio Alvarez, 1623.

ROBOREDO, Amaro de. **Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario [...]**. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1621. 443 p.

SANCHEZ, Francisco. **Minerva**: seu de causis linguae latinae. Salmanticae: Renaut, 1587.

SANCHEZ, Francisco. **Verae breuesque grammatices latinae institutiones**. Salmanticae, 1595.



SÁNCHEZ, Pedro. **Arte de Grammatica, pera em breve saber latim**. Edição do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, 2008. (Fac-símile, Coleção Linguística 3).

SOUSA, Máximo de. **Institutiones tum lucide, tum compendiose, latinarum literarum, tradite dialogo [...]**. Coimbra: Coenobium Dive Crucis, 1535. 40 fols.

TÁVORA, Fernão de. **Grammatica hebraea**. Conimbricae: Apud Ioanem Aluarum, 1566. 67 fols.

VERA, Álvaro Ferreira de. **Orthographia**: Breves louvores da lingua portuguesa. Lisboa: Manuel Rodrigues, 1631. 44 fols.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro método de estudar [...]**. Valensa (Nápoles): Oficina de Antonio Balle, 1746.